

6

Considerações Finais

O programa de ação social da PUC-Rio caracteriza-se como uma ação afirmativa, tendo em vista a sua própria configuração: é uma política privada de educação superior dirigida a grupos populares e, especialmente, estudantes do PVNC, que gera a inserção de grupos historicamente excluídos através de mecanismos de inclusão: as bolsas de ação social. Sendo assim, o programa, ao intervir especificamente nas situações de desigualdade social e nas condições de diferença – estudantes negros e carentes –, configura-se como uma ação afirmativa no campo da Educação Superior privada. Como lembra Joaquim Barbosa, vão se formando personalidades emblemáticas.

Ação afirmativa é um tema relativamente novo no Brasil, tanto no que se refere ao debate teórico quanto à sua prática. Por esta razão, uma das tarefas iniciais do meu doutoramento foi buscar uma literatura referente ao tema proposto, atividade que não foi fácil, principalmente no que se refere à experiência desenvolvida na PUC-Rio, um programa pouco conhecido e reconhecido pelo seu caráter afirmativo. Entretanto, foi o trabalho com uma literatura específica que me trouxe os conceitos necessários para entender a complexidade do momento e fazer com que eu pudesse me distanciar da minha própria prática profissional.

O programa da Universidade tem sido considerado, muitas vezes, como uma proposta caritativa de cunho religioso. Porém, essa não foi a história relatada por seus implementadores. Ao contrário, segundo os depoimentos coletados aqui, verificou-se que o programa afirmativo da PUC nasceu de uma intersecção entre a Universidade e o PVNC, um importante movimento social preocupado com a exclusão de negros e pobres do Ensino Superior e a transformação desta condição.

Se o “primeiro passo” dado em direção à concretização do programa de ação afirmativa da PUC-Rio foi com o encaminhamento de uma carta dirigida ao Padre Hortal, solicitando uma parceria entre a PUC-Rio e o PVNC, a proposta é mesmo anterior a esse momento, pois ela surgiu dos anseios dos movimentos sociais populares, mais especialmente daqueles vinculados à Igreja Católica, principalmente da Pastoral do Negro e da CRB do Rio de Janeiro. Por isto, o programa nasceu como uma resposta às demandas de grupos sociais e tem o PVNC como seu principal porta-voz.

Com relação ao momento da gênese do programa, a minha principal dúvida se referiu ao seguinte ponto: o que possibilitou a união dos gestores em defesa de um programa afirmativo? A luta por uma sociedade mais inclusiva foi o argumento mais presente em todos os relatos. As motivações eram diversas, mas a proposta de inclusão era única, que, ao se cruzarem, transformaram-se em política universitária. Assim, o programa nasceu das motivações de seus implementadores, baseadas nas injustiças sociais e raciais, e do desejo da realização de suas utopias, que significavam, em última instância, a vontade de mudança das situações sociais desiguais e, que, ao convergirem, se transformaram no programa de bolsa ação social da PUC-Rio. Desta forma, o programa nasceu de uma ação conjunta de pessoas da Universidade, de outras instituições sociais, especialmente do PVNC, implementadores e gestores que foram os principais protagonistas desta história.

O programa foi influenciado por uma concepção religiosa baseada numa “opção preferencial pelo pobre” e comprometida com a transformação da situação de exclusão vivida pelo “povo negro pobre” e pelas demandas dos novos movimentos sociais que defendiam os direitos coletivos e culturais, duas concepções que emergiram junto com o desejo de redemocratização do país. Por isto, essa política não se originou na Universidade ou da Universidade; ela nasceu de uma “conjunção fortuita” de intenções, utopias e em uma determinada conjuntura política bastante favorável para sua consolidação.

É importante ressaltar que esse programa não adquiriu um viés assistencialista, mas se fundamenta no reconhecimento das diferenças e das desigualdades, o que confirma a primeira hipótese desta pesquisa.

Os alunos do programa ação social da PUC-Rio foram, e ainda continuam sendo, os personagens principais desta história, primeiramente por serem seus próprios beneficiários e, segundo, por serem a sustentação do programa, uma vez que, sem eles, o projeto não aconteceria. Com relação à manutenção do programa propriamente dito, deve-se ainda enfatizar a capacidade de resistência desses alunos frente a situações pouco favoráveis: por serem os primeiros que chegaram como resultado de uma política sistemática de inclusão, eles tiveram que enfrentar a própria dinâmica institucional, que estava habituada a um determinado público homogêneo e que trazia pouca diversidade dentre o alunado. Mas, a partir de um programa afirmativo, a Universidade passa a ter, no cotidiano, outro grupo social

que não fazia parte daquele contexto. A ação afirmativa inseriu um grupo que era diferente, desconhecido e recusado num determinado espaço social, provocando uma reestruturação, e mesmo desestabilização, das relações habituais. A inclusão de um grupo novo desequilibrou a ordem estabelecida e, por isto, o grupo habitual, ao se sentir ameaçado, estranhou o outro grupo e se fechou. Na outra ponta estava o grupo novo, que, quando se confrontou com um contexto marcado por diferenças que tendem a separar, ficou amedrontado. Os depoimentos analisados mostraram exatamente essa complexidade estabelecida em torno das novas relações sociais que estão subjacentes durante a gestão de um programa afirmativo: insere um *outsider* em um contexto dirigido para os estabelecidos, o que confirma minha segunda hipótese sobre os novos conflitos que surgiram e que a Universidade precisou enfrentar.

Os depoimentos dos alunos de ação social tiveram muitos pontos de coincidência e mostraram momentos de alegria e de dor e, principalmente, histórias de superação das adversidades. Podem-se perceber, assim, três dificuldades que estão presentes nos vários relatos. Primeiramente, a dificuldade econômica, não apenas com a sobrevivência diária, quando alunos passavam até fome, mas também com a dificuldade de se manter durante pelo menos quatro anos como estudante. A segunda dificuldade levantada foi relacionada à sociabilidade propriamente dita, pois houve um período de estranhamento e afastamento. A terceira diz respeito à parte acadêmica e a todas as dificuldades por eles descritas ao se darem conta das diferenças de capital cultural.

Quanto aos impactos, pode-se observar a situação complexa que representou a chegada desses alunos no *campus*. Na rotina universitária, as diferenças existentes entre os dois grupos sociais funcionavam como mecanismos de aproximação, de distanciamento e de afastamento, embora o distanciamento e o afastamento tenham sido os mais exaltados. O sentimento de estranhamento que se pôs entre os dois grupos sociais foi o maior impacto vivido pelos alunos bolsistas de ação social durante sua experiência universitária.

As diferenças, que se transformaram em atitudes e pensamentos preconceituosos, tinham um caráter tanto racial como social e atingiam, especialmente, os estudantes negros e carentes. Desta forma, os estudantes bolsistas de ação social vivenciaram tanto situações de “desrespeito cultural” quanto de preconceito econômico, o que nos remete a Nancy Fraser, quando

afirma que estas dimensões estão “imbricadas dialeticamente”, uma vez que questões econômicas e culturais, na prática, estão interligadas. O preconceito, neste caso, não tem uma direção exclusivamente racial, cultural ou econômica, mas é uma mescla de pré-conceitos e, por isto, se configura, ao mesmo tempo, como racial e social. Foram atitudes e pensamentos que apareceram de forma velada e indireta, mas principalmente através de olhares diferenciadores. Também foi nesse cenário, onde foram estabelecidas relações de diferenciação, que se configuraram relações tanto de enfrentamento e confronto como, também, de negação das diferenças.

O programa afirmativo da PUC-Rio, que era novo e, ao mesmo tempo, complexo, provocou grandes mudanças na vida pessoal dos alunos e contribuiu para seu próprio crescimento, como foi dito por um ex-aluno bolsista: “há um aluno antes e o outro depois da universidade”. A formação universitária contribuiu para o crescimento pessoal deste aluno através da ampliação do conhecimento e do convívio social. Neste caso, um dos impactos provocados pela política afirmativa da PUC-Rio foi, além da formação teórica, uma formação social e racial, que contribuiu para o fortalecimento da identidade dos alunos negros e pobres. A formação social e racial e o fortalecimento da identidade dos estudantes bolsistas de ação social tiveram início a partir do momento em que o aluno começou a participar do PVNC. Ao se inserir na PUC-Rio, essa perspectiva se alargou e atingiu alunos e professores de diversos grupos sociais. Isto só foi possível, entretanto, a partir do momento em que a Universidade se abriu para a sociedade, representada, neste caso, especialmente pelo PVNC.

A política afirmativa atingiu não só o aluno, mas também sua família e comunidade, o que leva ao caráter mais abrangente da própria política: o ex-aluno passou a desempenhar um novo papel social, depois de formado, como “personalidade emblemática” e como uma referência de mobilidade social. Há, ainda, uma conseqüência natural desse novo profissional qualificado e bem formado: ele ser capaz, também, de intervir nas questões de sua comunidade, o que pode significar a emergência de cidadãos ativos e engajados.

No que se refere à inclusão de grupos sociais aos quais, historicamente, tem sido negados os direitos sociais, a política afirmativa aparece como uma alternativa política eficaz, devido a sua capacidade de realizar uma inserção mais direcionada. Cabe ressaltar aqui que a PUC-Rio, através do programa de bolsa

ação social, vem possibilitando a inserção de grupos populares na Universidade e, assim, contribuindo para a consolidação de um espaço universitário mais diverso. Esse é um programa que vem atuando em dois campos: na ampliação de oportunidades para grupos excluídos e na promoção de uma maior diversidade, o que, segundo Joaquim Barbosa, são objetivos principais das políticas afirmativas. Com o nascimento do programa, ocorreu tanto a formação de uma nova composição do alunado como, também, o acesso ao Ensino Superior de alunos provenientes de classes populares, tornado, assim, o *campus* mais diversificado e mais democrático.

Foi a intenção deste trabalho fazer o registro de um momento pioneiro de ação afirmativa no Ensino Superior. Espero ter trazido parte da complexidade das novas orientações e do impacto que significou na vida de centenas de jovens que jamais poderiam ter sonhado com a vida universitária sem uma ação afirmativa proveniente de atores fundamentais para a efetivação do programa. Com o registro das falas dos gestores, pode-se perceber que a utopia presente em cada um saiu do campo das intenções para a realidade concreta. E se hoje a PUC-Rio é mais diversa, representando um pouco melhor a realidade brasileira, isso se deve ao encontro das intenções na realização de um mundo acadêmico mais complexo; portanto, um pouco mais representativo da realidade brasileira.